AS NOVAS CONFIGURAÇOES FAMILIARES E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

MARAIZA DO CARMO CARVALHO

RESUMO: O presente estudo teve por objetivo o impacto das diferentes configurações familiares, no desenvolvimento da criança no processo de aprendizagem. Segundo a Constituição brasileira, o conceito de família abrange diversas formas de organização fundamentadas na relação afetiva entre seus membros. Entretanto, não se trata de um conceito rígido ou imutável. Ao longo da história, o conceito de famílias já assumiu diversos significados. No período após a revolução industrial e a consolidação da contemporaneidade, houve o aumento da complexidade das relações e das possibilidades de formação de diversos tipos de famílias. Essa mudança fez com que houvesse uma evolução do próprio conceito. Questões relativas ao matrimônio e à reprodução perdem força e o fator determinante para a formação de uma unidade familiar torna-se o afeto. Atualmente, após debates envolvendo diversos setores da sociedade, o direito brasileiro assumiu que a constituição familiar fundamenta-se no afeto. Esse entendimento substitui o anterior, que baseava a família no matrimônio e na procriação. Analisou- se a família contemporânea não mais como unidade ou como um modelo único de estruturação, mas compreendendo que hoje há arranjos familiares diversos e que é cada vez mais comum a composição de famílias monoparentais, onde cada responsável pela criança participa de uma maneira, com maior ou menor intensidade da sua vida escolar. Essa família moderna tem como preocupação a igualdade entre os filhos, a educação e a saúde. O casamento é baseado no amor, o cuidado com os filhos, e a divisão do trabalho também são valorizados. Características das novas configurações familiares; A união estável é uma união entre homem e mulher que não tenham impedimento para o casamento, as famílias homo afetivas podem ter filhos por meio de adoção, as famílias recompostas são formadas por pessoas que já tiveram relacionamentos anteriores e que se juntam para constituir uma nova família; as técnicas de Reprodução Humana Assistida (RHA) possibilitaram novas formas de parentalidade. A guisa de conclusão ratifica-se a importância de discussões permanentes acerca dos modos de constituição familiar e de suas implicações nas subjetividades singulares e coletivas
PALAVRAS CHAVE: Família; Criança; Desenvolvimento; Aprendizagem.

RESUMEN: El presente estudio tuvo como objetivo abordar el impacto de las diferentes configuraciones familiares en el desarrollo del niño en el proceso de aprendizaje. Según la Constitución brasileña, el concepto de familia abarca varias formas de organización basadas en la relación afectiva entre sus miembros. Sin embargo, no es un concepto rígido ni inmutable. A lo largo de la historia, el concepto de familia ha adquirido varios significados. En el período posterior a la revolución industrial y a la consolidación de la contemporaneidad, se produjo un aumento de la complejidad de las relaciones y de las posibilidades de formar diferentes tipos de familias. Este cambio provocó una evolución del propio concepto. Las cuestiones relacionadas con el matrimonio y la reproducción pierden fuerza y el factor determinante para la formación de una unidad familiar pasa a ser el afecto. En la actualidad, después de debates que involucran a diversos sectores de la sociedad, la legislación brasileña ha asumido que la constitución de la familia se basa en el afecto. Esta comprensión Sustituye a la anterior, que basaba la familia en el matrimonio y la procreación. La familia contemporánea ya no se analizaba como una unidad o como un único modelo de estructuración, sino entendiendo que hoy en día existen diferentes arreglos familiares y que cada vez es más común componer familias monoparentales, donde cada responsable del hijo participa de una manera, con mayor o menor intensidad en su vida escolar. Esta familia moderna se preocupa por la igualdad entre los hijos, la educación y la salud. El matrimonio se basa en el amor, también se valora el cuidado de los hijos y la división del trabajo. Características de las nuevas configuraciones familiares; La unión estable es

la unión entre un hombre y una mujer que no tienen impedimento para contraer matrimonio, las familias homoafectivas pueden tener hijos a través de la adopción, las familias recompuestas están formadas por personas que ya han tenido relaciones previas y que se unen para formar una nueva familia; las técnicas de Reproducción La Crianza Asistida por el Ser Humano (RHA, por sus siglas en inglés) ha permitido nuevas formas de crianza. A modo de conclusión, se ratifica la importancia de las discusiones permanentes sobre los modos de constitución familiar y sus implicancias en las subjetividades singulares y colectivas.

Keywords – Family. Child. Development. Learning. Children.

INTRODUÇÃO:

O ambiente familiar tem uma importância indiscutível na introdução e aprimoramento da aprendizagem da criança. Quando a atmosfera familiar é falha, está dificulta o processo Ensino Aprendizagem. Para que a criança se desenvolva com autonomia é necessário contar com o apoio irrestrito da família, ou das pessoas conviventes com ela, mesmo que estes não sejam parentes consanguíneos.

A entrada da criança no contexto escolar é uma entrada para formação e contato com outras crianças, dando acesso ao desenvolvimento social e cognitivo. Assim sua conclusão traz um novo lugar, provocando uma transformação no seu cotidiano porque entra num novo contexto social, o que impactará a família que a acompanhará, com a participação daqueles que cuidam dessa criança, pai, mãe, tia, primos, vizinhos, avós – no cotidiano escolar, que possuem participação mais assídua na vida dessas crianças, destacando em especial sua interação no contexto escolar, uma vez que os pais por algum motivo não podem participar.

Minuchin (1990) considera que a instituição familiar se renova á cada dia, motivada pelas constantes mudanças às quais se submete fora do contexto familiar.

As ações de cada um de seus membros são orientadas de acordo com as características presentes no sistema familiar e podem sofrer influências e mudar diante das necessidades e das preocupações externas. Completando a ideia, desde que haja amor, afeto e relação, estas diferentes composições humanas merecem ser chamadas de família, tendo o respeito efetivo aos bens e direitos fundamentais de qualquer ser humano e isto é previsto nas legislações. Silva (2005); Ávila, (2004); Costa, (2003).

Apoiada nas ideias de Áries (2006 p. 158) no século XII a família era mais uma realidade social e moral do que sentimental, não existe um sentimento profundo entre pais e filhos. Os casamentos eram arranjados entre os pais, não havia nenhuma preocupação com a vida afetiva e sexual dos que formariam o futuro casal. A família tinha como função preservar o patrimônio e assegurar sua transmissão. O pai era a figura da autoridade que se estabelecia nessa época, era como “Deus”.

A criança aos sete anos saia de casa e era encaminhada á outra família para fazer o serviço doméstico, era através desse que se dava á aprendizagem, o mestre transmitia a criança, que não era seu filho, o conhecimento, os valores e a experiência prática. A escola era uma exceção, a regra comum era essa aprendizagem direta no seio de uma família estranha, a educação dava-se pela prática e pelo costume.

Entre os séculos XV e XVII inicia-se uma mudança lenta e profunda, a educação passa a ser fornecida cada vez mais pela escola que deixa de ser uma exceção para transformar-se aos poucos na regra. A escola surge como uma forma de isolar a criança do mundo “sujo” dos adultos, a fim de preservar a sua inocência e também como uma forma de “vigiar” o próprio filho, não o abandonar e sim tê-lo por perto. Com isso, é possível observar uma transformação nas realidades e nos sentimentos de família que passa a ter outro papel, definido também nos tratados de educação, os pais devem preocupar-se com: a escolha da escola e do preceptor do filho, a supervisão dos estudos, o acompanhamento das tarefas, etc.

Os estudos das relações entre ambiente familiar e desempenho escolar é um tema bastante polêmico na pesquisa educacional. No Brasil, a partir da década de 70, ideias sobre “privação”, “deficiência” ou “carência” cultural das crianças provenientes de famílias de baixo nível socioeconômico, apontadas como principal causa do fracasso esco-

lar das mesmas, foram bastante difundidas pela psicologia. A partir da década de 80, entretanto, tais ideias que utilizavam como parâmetro para definir a condição de carência desses alunos, os padrões da cultura dominante e as exigências da escola têm sofrido várias críticas por parte de estudos antropológicos, linguísticos e também por uma vertente mais crítica da Psicologia escolar, representada principalmente pelos trabalhos de Patto (1990-19997). Tais críticas têm denunciado o caráter ideológico e mistificador dessas concepções, que acabam por culpar o aluno pobre e sua família pelo seu fracasso escolar, retirando da escola e do sistema público de ensino a responsabilidade que lhe cabe nesse processo.

Compreendemos que afetividade e a aprendizagem estão intimamente ligadas e são aspectos indissociáveis. O objetivo deste projeto é discorrer sobre as interações estabelecidas desde a mais tenra idade no seio familiar que são de grande valor para a construção de uma relação significativa da criança com o processo de aprendizagem, este não está restrito somente as instituições educacionais, mas deve ser precedido pela família, não só com apoio afetivo, mas também como incentivador na transmissão de conhecimento e suportes que facilitem a aquisição da linguagem escrita.

A metodologia utilizada para elaboração deste artigo se desenvolverá com base nos principais pontos que envolvem a família e a sua importância para o desenvolvimento do aluno, para a formação da personalidade e para o ajustamento emocional. Analisa as principais características do relacionamento entre família e a escola, assim como a interferência do ambiente familiar na origem ou na solução desses problemas. Posto isso, será consciente manter a pesquisa apoiada teoricamente em base bibliográfica, com o intuito de alcançar os objetivos propostos, a partir das contribuições de autores como: Ávila (2004); Costa (2003); Minuchin (1990); Osório (1996); Parolin (2000-2005); Patto (1990-1997); Silva (2005) entre outros.

A Família Light: Tudo Pode

A base da construção do ser humano é a família, que em meio ás redes relacionais que estabelece com a criança e com o seu contexto social, vai humanizando e organizando modelos de comportamentos que estão relacionados ao tipo de família, ao status e ao momento histórico social.

Estamos vivendo uma época de inúmeras mudanças e tudo assume caráter transitório. Todos os setores da vida do planeta estão sofrendo transições e toda mudança provoca medo e instabilidade. Diante do novo e sem saber exatamente o que está acontecendo, as pessoas tendem a agir de acordo com a norma, com o que está sendo exigido como padrão de comportamento, sem saber exatamente o que está acontecendo e pelo que estão optando. As pessoas sentem-se impelidas a mudar conforme as exigências do momento, para conseguirem permanecer em seus grupos, e consequentemente, sobreviverem.

Deparamo-nos com uma sociedade que vive a sensação de que nada é perene e que tudo está em processo de mudança. Essa sensação de transitoriedade gerou o que Enrique Rojas chamou de “O homem ligth”, um homem que está descompromissado com posições, ideologias e papéis, para quem tudo pode ser e tudo vale. Parolin (2000).

A família light é consequência do homem ligth, é uma família em que os papeis parentais não estão definidos e, em princípio tudo pode. A família se preocupa e trabalha em busca do “ter”, e o “ser” fica em segundo plano. Nessa família não há desentendimento, pois, os pais atendem tão logo seja possível o desejo de seus filhos e só conversam o necessário. As crianças e os adolescentes reinam e seus pais trabalham incansavelmente para manter esse reinado.

Deve ressurgir uma família a partir de valores indispensáveis ao convívio humano. Essa família está tentando se reorganizar e criar novas formas de viver e conviver a partir de um novo código de convivência, uma nova forma de exercer os papéis parentais e de continuar sendo família, ao mesmo tempo em que muda a maneira de ser família. Parolin (2005).

Analisando a sociedade moderna, observa-se que uma das mudanças mais significativas é a forma como a família tradicional, constituída de pai, mãe e filhos tornou-se uma raridade. Atualmente, existem famílias dentro de famílias, com as separações e os

novos casamentos, aquele núcleo familiar mais tradicional tem dado lugar a diferentes famílias vivendo sob o mesmo teto. Esses novos contextos familiares geram muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono, pois a ideia de um pai e uma mãe cuidadores já dá lugar a diferentes pais e mães "gerenciadores" de filhos que nem sempre são seus. A educação tem se tornado algo muito difícil, devido a ausência de modelos e de referenciais educacionais. Os pais de ontem, mostram-se perdidos na educação das crianças de hoje, estão cada vez mais ocupados com o trabalho e pouco tempo dispõem para dedicarem á educação dos filhos. Esta, por sua vez, é delegada a outros, ou em caso de famílias de menor poder aquisitivo, os filhos são entregues á própria sorte.

Os pais não conseguem educar seus filhos emocionalmente e, tampouco se sentem habilitados a resolverem conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Optam muitas vezes pela arbitrariedade do não ou pela permissividade do sim, não oferecendo nenhum referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e no afeto. A escola também tem mostrado inabilitada a trabalhar com a afetividade. Os alunos mostram-se agressivos, reproduzindo muitas vezes a educação doméstica, seja por meio dos maus tratos, do conformismo, da exclusão ou da alta de limites revelados em suas relações interpessoais. Os professores não conseguem detectar problemas e muitas vezes também demonstram desgaste emocional com o resultado das várias situações próprias do seu dia, sobrecarregado de trabalhos e dos conflitos em seu ambiente profissional. Muitas vezes devido a isso, alguns professores contribuem com o agravamento do quadro, rotulando com apelidos pejorativos ou reagindo de forma agressiva ao comportamento indisciplinado de alguns alunos. Santos, 2011, p.7 define:

"Hoje pais permitem que os filhos façam tudo sem nenhuma cobrança, A mudança no perfil da sociedade e na rotina dos pais, contribui para essa libertinagem. Nenhum policial gosta de prender ou lidar com jovens. O estatuto da Criança e do Adolescente diz que nenhum adolescente será punido de sua liberdade sem o devido processo legal".

Para as nossas crianças, o futuro depende de um hoje saudavelmente vivido e eticamente estruturado. O contexto familiar permissivo, sem regras, sem autoridade, com pais sendo "amigões" ao invés de "Pais" no sentido educacional, toma nossas crianças inseguras e sem autonomia e maturidade para aprender e viver adequadamente e ser feliz, finalidade maior da educação!

A família e escola necessitam unir-se com o objetivo de alimentar a moral individual de seus aprendizes e a ética social do seu entorno.

A escola tem se proposto a apresentar reflexões sobre a problemática das mudanças sociais dos "novos tempos" e, em parceria com as famílias, elaborar estratégias, além de entender a complexidade do tema e do momento, gerar conhecimento e construir saídas.

"Torna-se necessário reforçar a consciência da moral, da ética, encarar as oscilações afetivas, familiares, sociais e econômicas como realidade desse final de século, como variáveis a que o ser humano pode se submeter, sem que se aniquile". (Zenícola, 2000).

A Ditadura da Liberdade Total

Muitos pais por serem filhos da ditadura miliar (1964 – 1984) e de um modelo de família patriarcal/autoritário, tentam opor-se ao modelo por eles vivido, instalando em seus lares um outro tipo de ditadura: "o da liberdade total".

Ao promoverem para seus filhos o que eles próprios viveram, acabam oferecendo coisas e um espaço decisório que é incompatível com a faixa etária das crianças. Estes pais oferecem o que gostariam de ter tido e não tiveram.

A criança ao perceber este espaço de liberdade, de poder de decisão e de adquirir todos os objetos que deseja, acaba não compreendendo bem o funcionamento do mundo e tem dificuldade para valorizar determinadas "conquistas", que em verdade, são de seus pais. As crianças acabam perdendo alguns referenciais de limites importantes para o bom equilíbrio familiar e social. Os filhos não compreendem por exemplo, por que devem

cuidar dos seus pertences: “se perder, compro outro”.
Se por um lado a educação violenta e repressiva pode formar adultos inseguros e com baixa autoestima, por um outro, a educação sem limites ou restrições formam crianças egocêntricas e autoritárias. No prosseguimento, quando os pais se dão cona, o funcionamento da casa acontece de acordo com o humor da criança: “Agora vou fazer isso: ” ou “Saia daí que eu quero sentar! ” Ou ainda, “Nesse restaurante eu não entro! ”.
É fundamental para o bom desenvolvimento da criança, ter conhecimento de que seus pais se importam com ela; do que é dela; de que ela é amada por eles; de que a casa é habitada por outras pessoas que tem vontades, temperamentos específicos e gostos diferenciados e, fundamentalmente, de que os pais se cansam, ficam tristes a as vezes choram. Ao reconhecerem seus pais como individualizados e que, no contexto social, não são apenas pais, vão aprendendo a identifica-los, a diferenciá-los, a respeitá-los e (quem sabe) a admirá-los. Ao se depararem com o espaço doméstico e o papel referente a este, reconhecem e identificam com mais facilidade a si mesmos e ao outro, compreendendo o movimento social. Conquistam a liberdade!
A educação que não impõe limites e não descortina diferentes papéis na sua pauta de direitos e deveres, traz por consequência, as crianças inconsequentes e que não percebem a si mesmos ou nem “a que vieram”. Com a criança evasiva é difícil lidar e ela tende a tornar-se um adolescente difícil para consigo mesmo e para com os outros. Parolin (2005).
A autonomia é construída a partir de dados de “quem sou eu”, num processo de qualidade referencial com o outro mais próximo. Deixar claro para os filhos quais são as regras do “jogo de viver” é fundamental para seu equilíbrio.
Explicar para a criança e para o jovem o porquê das coisas, vivenciar o cotidiano com eles, recomeçar as explicações e se necessário, usar exemplos análogos que habitam seu mundo, os ajudará a construir um código ético/moral, porém, não podemos esquecer que tanto a criança quanto o adolescente têm um poder de decisão que está limitado ao seu tempo de experiência, seu nível de responsabilidade, sua autonomia, sua maturidade cognitiva e emocional. Muitas vezes, eles não conseguirão alcançar a longevidade do raciocínio. Nesse caso, os pais não devem deixar de decidir por eles. Conforme a situação é fundamental interferir para que eles não acabem concluindo o aprendizado de modo equivocado ou ingênuo.
Ciclos de tensão e experimentação são necessários para o equilíbrio familiar. Provocar o adulto é um expediente usado pelas crianças e adolescentes para buscar referências. Está é a hora em que os pais devem estar atentos para as suas posturas e seus postulados ideológicos. A linguagem clara e aberta é com certeza uma facilitadora destes momentos. É mais sadio explicar o que está sentindo do que omitir, com medo do conflito, desde que esta posição seja instrumento de busca de uma vontade de se achar uma linguagem comum.
Não podemos perder de vista que a base de um bom relacionamento familiar é a afetividade e que ela se manifesta de várias maneiras: corporal, linguagem e (por que não) na pauta de direitos e deveres.
Uma criança pequena vai perceber que a amam ao ser abraçada, quando estiver maior, ela compreenderá este amor também numa frase amorosa: “Te amo! ” Ou “Estou com saudades! ” Um adolescente pode se sentir amado ao perceber que recebe um tratamento de respeito, proteção e, também ao ser chamado a fazer as coisas certas.
Não podemos esquecer que um dos modelos que herdamos da família autoritária é o “fazer de conta que está tudo bem”. Fingimos que nada está acontecendo e esperamos que passe esta fase, a famosa “vista grossa”.
A cada dia construímos o nosso equilíbrio familiar, inclusive, depois de cada briga. É necessário que criemos em nosso lar um espaço para esta briga, aqui compreendida como contexto diferente, para o conflito de ideias múltiplas, entre pessoas que não precisam ser iguais para se amarem!
Talvez hoje a imagem da criança continua sendo considerada por alguns um ser ingênuo, imaturo, indefeso, enfim, uma pessoa que não sabe o que faz, e acabamos escondendo de nós mesmos a verdadeira identi-

dade de uma criança, tanto no âmbito educacional, quanto social e cultural. Por outros, é estimulada a "levar" uma vida de adulto, ou seja, é vista como um adulto em miniatura, inserida em um meio especulativo e exibicionista, através do vestuário, das atitudes e de seus comportamentos que seguem um padrão estabelecido pela mídia.

A criança é uma pessoa, apenas com menor capacidade física e de defesa do que as demais pessoas e, por isso mesmo, merecedora de tratamento afetuoso. Entender que toda criança é uma, vê-la como criança, analisar o meio em que ela vive exercitar a empatia de estar em seu lugar e até mesmo relembrar, buscar em nossas lembranças de infância os momentos que nos marcaram, tanto os momentos agradáveis, quanto os desagradáveis. Essa é uma reflexão que as pessoas adultas precisam se permitir no convívio com uma criança, pois é a história vivida por ela desde o seu nascimento, que pode definir ou ajuda-la no seu desenvolvimento como pessoa adulta, ou seja, na sua forma de integração e vivência na sociedade. Dallari (1986. p.21) refere-se afirmando que:

Toda criança é um ser humano fisicamente frágil, mas com o privilégio de ser o começo da vida, incapaz de se auto proteger e dependente dos adultos para revelar suas potencialidades, mas por isso mesmo merecedora do maior respeito (...). Toda criança nasce com o direito de ser. É um erro grave, que ofende o direito de ser, conceder a criança como apenas um projeto de pessoa, como alguma coisa que no futuro poderá adquirir a dignidade de um ser humano. É preciso reconhecer e não esquecer em momento algum que, pelo simples fato de existir, a criança já é uma pessoa e por essa razão merecedora do respeito que é devido exatamente na mesma medida a todas as pessoas.

Porém precisamos destacar a interdependência entra escola e família. Ainda que autônomas enquanto instituições, isto é, ainda que a família e escola tenham um funcionamento próprio, sabemos o quanto uma precisa e conta com a outra. Conforme Parollin (2005 p.49).

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo, no entanto, a família tem as suas particularidades que diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

Família x Aprendizagem

Muitas são as vertentes que permeiam a relação familiar com a aprendizagem do aluno, as causas dos problemas de aprendizagem podem ser de ordem física, sensoriais, neurológicas, emocionais, intelectuais ou cognitivas, educacionais e socioeconômicas. Ao ser inserida na vida escolar, a criança, muitas vezes demonstra dificuldade de adaptação, é natural, pois ela está saindo de um ambiente familiar que até então era o único que ela conhecia, porém, está adaptação pode ser ainda consequência de conflitos e crises de um sistema familiar ineficiente. A família mesmo que sem intenção, contribui significativamente para a determinação desses problemas. Os pais principalmente podem de diversas maneiras, favorecer ou prejudicar o processo de aprendizagem de seus filhos.

Dentro do ambiente familiar que se realizam as experiências básicas que serão imprescindíveis para o desenvolvimento autônomo dentro da sociedade. Após o nascimento, a criança começa a sofrer influência familiar que aos poucos vão modelando seu comportamento, sendo a maior parte das influencias exercidas pelos pais sobre os filhos, provavelmente inconsciente.

Segundo a concepção durkheimiana de educação (1978 p.42).

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente se destine.

Os pais e educadores não podem perder de vista que apesar das transformações pelas quais passa a família, esta continua sendo a primeira fonte de influência no comportamento, nas emoções e na ética da criança. Cabe á escola e também aos pais/responsá-

veis, contribuir para mudanças comportamentais que permitam às crianças o equilíbrio necessário. A participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente. A vida familiar e escolar se completa.

As escolas têm contado com a contribuição acadêmica da família de duas maneiras: construindo o currículo, implicitamente com base no capital cultural similar herdado pelos alunos, isto é, com base no sistema de disposições cognitivas adquiridas na socialização primária ou educação doméstica, o que supõe afinidade cultural entre escola e família, e enviando o dever de casa de modo a capitalizar explicitamente o investimento dos pais, o que requer certas condições materiais e simbólicas, isto é, tempo livre, recursos econômicos (para equipar o lar com livros, computadores, contratar professores particulares) e adesão ao papel parental de professor coadjuvante, tradicionalmente assumido pela família.

Piletti (1984) considera, assim como diversos autores, que as primeiras experiências educacionais da criança, geralmente são proporcionadas pela família. Através das influencias familiares, vai-se gradualmente moldando seu comportamento. Os pais o fazem, na maioria das vezes, de modo inconsciente. O autor considera de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para sua aprendizagem escolar, os sentimentos que os pais nutrem por ela durante os anos anteriores à escola. Tais sentimentos contribuem para o desenvolvimento do conceito de si próprios, ou seja, o autoconceito, o conceito do mundo e de seu lugar no mundo. Piletti, nos alerta ainda que o autoconceito é a base de toda aprendizagem, pois se a criança se julga capaz de aprender, aprenderá muito mais do que se ela nutrir sentimento de incapacidade.

Nunca na escola se discutiu tanto quanto hoje assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos. Nunca se observou tantos professores cansados e muitas vezes doentes física e mentalmente. Nunca os sentimentos de impotência e frustação estiveram tão marcantemente presentes na vida escolar. Freire (2000). Por essa razão, dentro das escolas as discussões que procuram compreender esse quadro tão complexo e, muitas vezes, caóticos, no qual a educação se encontra mergulhada, são cada vez mais frequentes. Professores debatem formas de tentar superar todas essas dificuldades e conflitos, pois percebem que se nada for feito em breve não se conseguirá mais ensinar e educar. Esteves (1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário e de extrema importância, a valorização da escola por parte das famílias, no que diz respeito á aprendizagem das crianças, deve haver uma interação e comprometimento de ambas as partes, o foco de todo o esforço deve ser o aluno, que tem direito de ser atendido tanto pela família, quanto pela escola em suas necessidades.

Observa-se que atualmente as instituições escolares, acabam priorizando os aspectos comportamentais dos alunos em detrimento ao processo ensino aprendizagem. O caminho adequado para solucionar, se não todo, mais parte deste contexto é a interação família – escola, observando nesta troca de ideias quais são os motivos que levam as crianças a comportamentos inadequados e quanto esta atitude interfere na aprendizagem.

Partindo desse pressuposto, embora investigações mais amplas sejam necessárias, é possível dizer que uma das dimensões que influenciam o desempenho escolar das crianças estaria relacionada á família, visto que há uma relação de interdependência que interferirá diretamente na aprendizagem do educando.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2ª ed., 2006.

ÁVILA, Eliedite Mattos (Coord.); SILVA, Christiane Monique Callado; MELO, Eliane Cardoso de. (revisores). Mediação Familiar – Formação Base. Santa Catarina, 2004, 98p.

BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei Federal Nº8069, de 13 de julho

de 1990. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.
COSTA, Marta Morais da. Literatura Infantil. Curitiba IESDE, 2003.
DALLARI, Dalmo de Abreu, et ali. O direito da criança ao respeito. São Paulo: Summus, 1986.
DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Tradução do Professor Lourenço Filho. Rio de Janeiro: Melhoramentos e Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
ESTEVES, J. M. O mal-estar docente; a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
MINUCHIN, Salvador. Famílias: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
OSÓRIO, Luiz Carlos. A Família Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
PATO, M. H. S. Prefácio. In: MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene
Proença Rebello de (Orgs.). Psicologia Escolar: em busca de novos rumos. São
Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
SANTOS, Santa Marli Pires dos. O brincar na escola: Metodologia Lúdicovivencial, coletâneas de jogos, brinquedos e dinâmicas. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
ZENICOLA, Ana Maria. O adolescente e seu futuro profissional na atualidade: Um desafio para pais, educadores e psicopedagogos. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 19, n. 51, 2000. p. 4-9.